

Império no ataque



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Donald Trump não hesita em cometer desatinos. Maiores ou menores, ele marca sua passagem pelo poder como exemplo de ganância, revanche contra opositores e desprezo pela vida humana. O presidente dos Estados Unidos utilizou seu enorme poder militar para colocar a Venezuela de joelhos. Invadiu, prendeu e sequestrou o presidente Nicolás Maduro. Em seguida, seus negociadores tomaram, na mão grande, o petróleo do país vizinho. Washington determina quando, como e para quem o produto deve ser vendido. Os lucros, naturalmente, vão para o norte.

Os soldados dos Estados Unidos chegaram à Amazônia. Agora, suas longas mãos que andaram pela Groelândia, Canal do Panamá, Canadá e Irã para promover desestabilização podem começar a se mexer para buscar as riquezas do norte do Brasil. Petróleo, ouro e minerais raros são abundantes naquela região. O Brasil e os brasileiros não têm experiência em situações de conflito. A tradição nacional é resolver problemas através de negociação e conversa. Mas os norte-americanos, na era Trump, rasgaram a fantasia. Surgiu um Império, que pretende extrair vantagens de suas colônias, transformadas em vassalos.

O Brasil não escapou da sanha autoritária do presidente dos Estados Unidos. Seu secretário de Estado argumentou com lamentáveis

mentiras, invencionices rasteiras, para justificar a decisão de impor ao Brasil sobretaxas arbitrárias. Vale lembrar Ulysses Guimarães quando disse que “o Brasil não é uma Uganda qualquer”. Trata-se de um país de renda média com produto interno bruto semelhante aos da Rússia, Itália e Canadá. É mais da metade da economia da América do Sul. Figura entre as 10 maiores economias do mundo. O Brasil exporta para mais de 150 países. Se o mercado dos Estados Unidos se fechar, a solução será encontrar novos destinos para a produção nacional. No primeiro semestre deste ano, as exportações brasileiras para os Estados Unidos caíram 13%, ou se reduziram para US\$ 17 bilhões. Mas se expandiram para o resto do mundo.

Os técnicos vão medir as repercussões internas das consequências da truculência de Trump. Mas, além de fazer caixa, o verdadeiro objetivo das sobretaxas é interferir na eleição brasileira. O tarifaço ocorre poucas semanas antes das convenções nacionais dos partidos políticos quando serão definidos os nomes que vão concorrer à Presidência da República. O governo de Washington costuma ser bem informado sobre o que ocorre no Brasil. Os serviços de espionagem trabalham muito aqui. Na época do governo Dilma Rousseff, brasileiros descobriram que os norte-americanos conheciam a extensão e a profundidade da corrupção que ocorria na Petrobras.

Hoje é igual. Eles conhecem as pesquisas de opinião e os candidatos. Flávio Bolsonaro dispensa serviços de espionagem. Ele é francamente favorável aos Estados Unidos. Já disse que, se for eleito, colocará toda sua equipe à disposição de Washington desde o período de transição até seu eventual governo. É um entreguista de carteirinha. Quanto à Lula, há pouco a

acrescentar. Ele possui longa carreira política. É um populista com algumas tinturas de esquerda, mais preocupado com sua imagem do que com a realização de obras estruturantes. É prisioneiro da lógica burocrática e algo corrupta do sindicalismo brasileiro.

As pesquisas recentes mostram que Lula voltou a crescer na preferência do eleitorado. Os sucessivos erros do candidato do PL favorecem Lula. O tarifaço imposto por Trump ajuda o atual presidente a se reeleger. O ex-vice-presidente da República, Hamilton Mourão, um dos poucos que se salvou do desastre do governo Bolsonaro, conseguiu se eleger senador pelo Rio Grande do Sul. Durante aquele governo, foi rigorosamente ignorado. Hoje observa as recentes decisões assumidas na campanha pelo filho de Jair. Ele sentencia: “Não foram um tiro no pé. Foram uma amputação”. Os norte-americanos estão procurando um candidato sintonizado com Washington. Eles têm dinheiro, poder político e armas em profusão para modificar o resultado da eleição de outubro próximo.

Brasil e Estados Unidos mantêm relações diplomáticas há 202 anos. A diplomacia brasileira é conhecida no mundo. O país tem 10 vizinhos e jamais recorreu à força para fixar suas fronteiras. Todos os limites resultaram de negociação. As relações entre os dois países tiveram altos e baixos, mas nunca desceram ao nível de imposição unilateral que ocorre agora. O Brasil poderá responder com base na reciprocidade. E, se assim agir, ficará ainda mais próximo do apetitoso mercado chinês e de outros gigantes asiáticos. Mas a situação é de guerra comercial.

Luto — Meus pésames à família de Renato Machado com quem tive a honra de trabalhar na TV Globo, na década de 80. Enorme perda para o jornalismo brasileiro.



Maurenicon/CS

A cultura cura. Mas quem cuida de quem produz?



» JAQUELINE FERNANDES
Estrategista da cultura, reitora da Universidade Afrolatinas e idealizadora do Festival Latinidades

Toda curadoria é, antes de tudo, uma escolha política. Uma decisão sobre quem e quais perguntas merecem ocupar o centro do debate público. Por isso, o Festival Latinidades assumiu o compromisso de tornar pública a conversa sobre saúde mental de trabalhadoras e trabalhadores da cultura, a partir do tema da edição 2026: *Saúde Mental Importa!* O que as condições de trabalho nesse setor têm gerado de consequências para a saúde mental de suas trabalhadoras e seus trabalhadores?

Essa é uma pergunta tão difícil quanto necessária. Enquanto empresas discutem riscos psicossociais e governos revisam normas relacionadas ao ambiente de trabalho, pouco se fala sobre as condições enfrentadas no setor cultural, que continua ausente das discussões sobre saúde mental no trabalho.

Nesse sentido, a Universidade Afrolatinas articulou uma parceria entre o Instituto Mawé e o Data_Labe para realizar a Pesquisa Nacional sobre Saúde Mental de Trabalhadoras e Trabalhadores da Cultura, lançada na abertura do Festival Latinidades. Além de produzir um diagnóstico inédito sobre o setor, a pesquisa busca compreender não apenas os fatores de

adoecimento, mas também as práticas, relações e condições que promovem bem-estar, pertencimento e sustentabilidade.

Segundo o IBGE, o setor cultural reúne cerca de 4,8 milhões de trabalhadores no Brasil. Quando se considera o conjunto da economia da cultura e das indústrias criativas, esse contingente chega a 7,8 milhões de pessoas, segundo o Observatório Itaú Cultural. Além de seu papel simbólico e social, trata-se de um setor de grande relevância econômica: dados do IBGE mostram que as atividades culturais movimentaram R\$ 226 bilhões na economia brasileira em 2017.

Poucos setores contribuem tanto para a saúde integral de uma sociedade quanto o cultural. Mas, infelizmente, muitos trabalhadores estão adoecendo de forma silenciosa.

Existe um imaginário perigoso cristalizado no nosso setor. Aprendemos a acreditar que quem “trabalha com cultura” faz o que ama. E, por isso, suportaria qualquer condição de trabalho como se isso fosse virtude. Então, sem perceber, naturalizamos o adoecimento e a precarização. Aprendemos a naturalizar jornadas intermináveis, instabilidade financeira, a necessidade de executar e conciliar múltiplos trabalhos, burocracias excessivas e exclusórias, hiperconectividade e equipes reduzidas. Tudo isso sempre acompanhado à sensação permanente de que nunca fizemos o suficiente. Pensamos, durante muito tempo, que essa experiência é o preço inevitável para viver da cultura. Mas não é.

Transformar evento em incidência faz parte da vocação do Festival Latinidades. Mais do que promover debates sobre saúde mental,

decidimos experimentar outra maneira de produzir. Uma maneira em que o cuidado deixa de ser um intervalo entre uma atividade e outra para tornar-se parte da própria experiência coletiva. Para que o cuidado também possa produzir cultura. Se aprendemos, durante décadas, a romantizar jornadas intermináveis, relações precárias e o adoecimento como demonstrações de compromisso com o trabalho, também podemos aprender outras formas de criar e produzir.

As condições em que o trabalho no setor cultural acontece não são naturais: são fruto das escolhas que fazemos como sociedade sobre o valor que atribuímos à arte, à cultura e a quem a produz. São essas escolhas que determinam como a nossa cultura será criada, reconhecida e transmitida às próximas gerações.

A pergunta, no fundo, não é apenas quem cuida de quem produz cultura. É que tipo de cultura estamos construindo quando o cuidado deixa de fazer parte da própria forma de trabalhar. Transformar essa realidade exige mais do que reconhecer o problema. Exige coragem para rever práticas que, durante muito tempo, nós mesmos naturalizamos. Governos, financiadores, instituições culturais, lideranças, equipes e profissionais compartilham a responsabilidade, e também a oportunidade, de construir outras formas de fazer cultura.

O próximo passo não é mais reconhecer que a saúde mental importa. É transformar essa convicção em práticas institucionais, políticas públicas e condições mais saudáveis para o trabalho no setor cultural. Porque as condições em que criamos e produzimos também expressam a cultura que queremos construir.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

[Circe Cunha, // circecunhajf@adabr.com.br](mailto:CirceCunhaJf@adabr.com.br)

As univers(al)idades esquecidas

Poucas imagens conseguem sintetizar tão bem uma crise institucional quanto aquela oferecida por parte dos campi de universidades públicas brasileiras. Em diversas instituições espalhadas pelo país, o visitante encontra prédios envelhecidos, fachadas cobertas por pichações, corredores ocupados por cartazes acumulados ao longo dos anos, laboratórios necessitando de modernização, equipamentos defasados e sinais evidentes de falta de manutenção.

Independentemente da posição ideológica de quem observa esse cenário, uma conclusão parece inevitável: boa parte do patrimônio público brasileiro destinado ao ensino superior vem sofrendo um processo prolongado de deterioração.

Naturalmente, esse diagnóstico não se aplica da mesma forma a todas as universidades. O Brasil tem instituições públicas que continuam produzindo pesquisa de alto nível, formando profissionais altamente qualificados e ocupando posições relevantes em diferentes áreas do conhecimento. Universidades como USP, Unicamp, UFMG e outras permanecem responsáveis por parcela expressiva da produção científica nacional. Ainda assim, a realidade de muitos campi revela dificuldades que deixaram de ser episódicas para se tornar estruturais. A crise começa pela infraestrutura. O resultado aparece em salas superlotadas, dificuldades administrativas e crescente pressão sobre professores e técnicos.

Outro aspecto frequentemente debatido diz respeito ao ambiente universitário. Universidades são, por definição, espaços de liberdade intelectual. Devem acolher diferentes correntes de pensamento, estimular o confronto de ideias e formar cidadãos capazes de questionar consensos. Quando esse ambiente plural é substituído por intolerância ao dissenso, perde-se uma das características fundamentais da vida acadêmica.

Pesquisadores vinculados a áreas como a ciência política e a sociologia têm investigado o ambiente universitário. Um dos argumentos centrais dessas análises é a aplicação da Teoria da Espiral do Silêncio, de Elisabeth Noelle-Neumann: estudantes que percebem suas opiniões (sejam liberais na economia, sejam conservadoras nos costumes, sejam críticas a correntes teóricas hegemônicas) como minoritárias no grupo tendem a se calar por medo do isolamento social ou de retaliação acadêmica (como avaliações subjetivas de trabalhos e bancas). Outros pesquisadores contestam essa percepção e sustentam que faltam evidências sistemáticas de doutrinação institucionalizada. O tema permanece objeto de intenso debate.

Há ainda questões relacionadas à convivência cotidiana nos campi. É comum encontrar relatos sobre consumo de álcool e, em alguns locais, uso ostensivo de drogas ilícitas em áreas abertas das universidades. Embora essa realidade varie significativamente entre instituições e não caracterize a totalidade dos campi, ela alimenta críticas sobre a dificuldade de garantir segurança, preservar o patrimônio público e assegurar um ambiente adequado ao ensino e à pesquisa. Enquanto isso, os desafios acadêmicos tornam-se cada vez maiores.

A competição internacional por produção científica, inovação tecnológica e formação de pesquisadores intensificou-se nas últimas décadas. Países asiáticos ampliaram maciçamente seus investimentos em universidades. Estados Unidos e Europa continuam concentrando boa parte dos centros de excelência. A China transformou o ensino superior em prioridade estratégica nacional. O Brasil, por sua vez, enfrenta dificuldades para acompanhar esse ritmo. Nos principais rankings internacionais, poucas universidades brasileiras conseguem manter posições de destaque.

Embora continuem figurando entre as melhores da América Latina, ainda enfrentam limitações significativas quando comparadas aos grandes centros mundiais de pesquisa. Além disso, indicadores de inovação, transferência tecnológica e registro de patentes permanecem aquém do potencial científico do país. Essa realidade não pode ser atribuída exclusivamente à falta de recursos. Gestão eficiente, planejamento estratégico, avaliação permanente de desempenho, internacionalização, aproximação com o setor produtivo e autonomia administrativa também desempenham papel decisivo na qualidade universitária. Os sistemas mais bem-sucedidos combinam financiamento adequado com mecanismos transparentes de cobrança por resultados.

» A frase que foi pronunciada

“A universidade precisa estar aberta à realidade inteira do seu tempo, precisa imergir no espaço público... Quando ela se fecha em dogmas ou se isola em si mesma, ela deserta de sua missão universal e torna-se um casarão de espectros.”

José Ortega y Gasset

» História de Brasília

Um amigo nosso saiu de Fortaleza porque o povo vivia em muitas dificuldades, e a cidade tinha clubes demais. Veio para Brasília, ouviu o que dizem os comerciantes, os gerentes de bancos, recebeu, no mesmo dia, proposta para comprar 15 ações de clubes diferentes, fechou a mala, marcou a passagem e foi embora. (Publicada em 24/5/1962)